

Ordem de Serviço do Adido Naval alusiva aos Cem Anos da Adidância

O Brasil – a grande colônia portuguesa na América – ficou independente sem a fragmentação verificada nos antigos domínios espanhóis graças, em grande parte, à jovem Marinha de Guerra brasileira. Nossa primeira esquadra foi formada com navios adquiridos por subscrição popular e tripulados por oficiais e marinheiros de muitas nacionalidades. Nas lutas por nossa Independência, de 1822 a 1823, a primeira Força Naval, ostentando em seus mastros a bandeira do Império, partiu do Rio de Janeiro, em 14 de novembro de 1822, comandada pelo norte-americano David Jewett.

Já no período Republicano, recordamos que, em 1902, regressando ao Brasil para assumir a pasta das Relações Exteriores o Exmo. Sr. José Maria da Silva Paranhos Júnior – o Barão de Rio Branco – em discurso no Clube Naval definiu a essência de sua política externa a qual tinha como farol o interesse nacional e vislumbrou, com sua experiência de 24 anos como Cônsul em Liverpool, a mudança do eixo do poder da Europa para os Estados Unidos da América (EUA). Por isto, em 1905, eleva a Legação de Washington ao nível de Embaixada, a primeira do Brasil, e para esta nomeia o ilustre monarquista Joaquim Nabuco.

Em 1906, ano em que ocorreu, no Rio de Janeiro, a III Conferência Pan-Americana, presidida pelo Embaixador Joaquim Nabuco, era instalada em Washington a nossa Adidância Naval, tendo a frente o Capitão-Tenente Francisco Radler de Aquino, na gestão do então Ministro da Marinha Contra-Almirante Alexandrino de Alencar.

De 1906 a 2006 cuidaram dos interesses militares-navais brasileiros 52 ilustres Adidos Navais, mas o que marca estes cem anos são: os fortes laços a unirem a Adidância Naval e a Embaixada do Brasil, em todo um século de trabalho em prol da defesa e promoção dos interesses nacionais, mais particularmente, dos assuntos de relevância para a Marinha do Brasil; e o profícuo e respeitoso relacionamento com a Marinha (USN) e com o Corpo de Fuzileiros Navais (USMC) dos EUA. Para avaliar esse relacionamento podemos empregar indicadores tais como: Navios e Aeronaves da USN incorporados à MB; Operações conjuntas realizadas; e Oficiais e Praças da MB instruídos e adestrados nos EUA.

A Marinha do Brasil incorporou e operou, a partir de 1916, 248 aeronaves de 38 tipos; e, a partir de 1942, 85 navios de 31 classes oriundos da Marinha norte-americana. Dentre esses cito, por estarem ainda em atividade, os Navios de Desembarque-Doca (NDD) Ceará e Rio de Janeiro, os ex-LSD Hermitage e Alamo, e o Navio de Desembarque de Carros de Combate (NDCC) Mattoso Maia, ex-LST Cayuga, empregados no transporte das tropas brasileiras em atuação no Haiti.

É importante, também, registrar o recebimento dos Cruzadores Barroso e Tamandaré, ex-Classe Brooklyn, que chegaram ao Brasil entre 1951 e 1952, no âmbito da Guerra Fria e dentro do acordo de Assistência Militar com os EUA e nos anos 70: dos contratorpedeiros das classes Fletcher, Allen M. Summer e Gearing; e dos submarinos Guppy II e III.

No que concerne às operações navais, estão ainda vivas na memória as operações: SPRING BOARD realizadas na década de 70, no Caribe, onde praticávamos também Apoio de Fogo Naval; e UNITAS proposta pelo Contra-Almirante Paulo Antônio Telles Bardy, Adido Naval do Brasil nos EUA, na I Conferência Naval Inter-Americana, em 1959, e realizadas ininterruptamente desde 1960, inicialmente, com foco na guerra anti-submarino, e a partir de 1965, contemplando exercícios em todos os ambientes da guerra no mar.

Na área de pessoal, para termos uma idéia da grandiosidade do intercâmbio entre a MB e a USN e USMC, podemos tentar imaginar o que foi o adestramento das tripulações das 248 aeronaves e dos 85 navios incorporados, que navegaram para o Brasil operados e mantidos por marinheiros brasileiros. Além disso, devem-se mencionar os cursos e treinamentos realizados nos vários centros de instrução e adestramento nos EUA, em todas as áreas do conhecimento militar-naval, muitos destes sob os auspícios do programa Internacional de Educação e Treinamento Militar (International Military Educational and Training - IMET) reativado pelo governo norte-americano para alguns países da América Latina no mês de outubro deste ano.

Após o breve relato histórico retorno à cerimônia de hoje que tem como propósitos: comemorar os cem anos da Adidância Naval; e, em nome dos marinheiros e fuzileiros brasileiros incorporando meios navais, operando e cursando nos EUA, reconhecer e agradecer a consideração, fidalguia e apoio de gerações de marinheiros e fuzileiros norteamericanos aqui representados pelas seguintes autoridades:

- Vice Admiral John G. Morgan, Jr - Deputy Chief of Naval Operations for Plans, Policy and Operations and for International Strategy Division;
- Rear Admiral Jeffrey Wieringa - Deputy Assistant Secretary of the Navy for International Programs;
- Rear Admiral Tony Cothron - Director of Naval Intelligence; e
- Brigadier General Richard Lake - Director of Intelligence, US Marine Corps.

Meus agradecimentos, também:

- às senhoras e aos senhores aqui presentes pelo brilho e prestígio que emprestam a esta cerimônia;
- ao Almirante-de-Esquadra Euclides Duncan Janot de Mattos, Chefe do Estado-Maior da Armada, pelas orientações seguras e o apoio para desempenhar a minha função, aqui representado, pelo Vice-Almirante Luiz Umberto de Mendonça, Vice-Chefe do Estado-Maior da Armada; e
- ao Embaixador Roberto Abdenur pelo apoio que a Embaixada do Brasil nos EUA ao longo destes cem anos nos proporcionou e por incentivar e prestigiar as comemorações do centenário da Adidância Naval.

JOSÉ GERALDO FERNANDES NUNES
Contra-Almirante

Ordem do Dia do Chefe do Estado-Maior da Armada

Hoje, 17 de novembro, celebramos o centenário de criação da Adidância Naval do Brasil nos Estados Unidos da América, órgão que tem como tarefas assessorar, em assuntos técnicos de natureza militar naval, o Chefe da Missão Diplomática do Brasil em Washington e representar nossa Marinha junto à Marinha e ao Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos da América.

Nomeado por Decreto datado de 26 de setembro de 1906, seu primeiro titular foi o então CT FRANCISCO RADLER DE AQUINO, já nesse tempo um destacado oficial de nossa Marinha, autor das Tábuas RADLER para navegação astronômica, cuja primeira edição ocorrera em 1903 e, mais tarde, em 1927, foi adotada e publicada pela Academia Naval de Anápolis.

Iniciava-se então um longo, intenso e profícuo relacionamento entre a nossa representação diplomática e as Marinhas do Brasil e dos Estados Unidos da América, em períodos de paz e em tempos de guerra, dos quais cumpre destacar alguns feitos, em razão dos significados que eles encerram.

Em 1914, por intermédio de nossa Adidância, a Marinha contratou oficiais americanos para lecionar na recém criada Escola de Guerra Naval, integrando o corpo docente de nossa Escola de Altos Estudos.

Em dezembro de 1922, instalou-se no Brasil a Missão Naval Americana, responsável por um extenso e proveitoso período de interação entre nossas Marinhas. Podemos enumerar como resultados desse relacionamento, que contribuíram para o desenvolvimento da MB nos campos técnico e administrativo, o suporte para criação das Diretorias Técnicas da Marinha, o apoio à recém criada Aviação Naval, que contou, nos seus primórdios, com a destacada colaboração de instrutores norte-americanos e a cessão a preço simbólico dos planos de construção dos Contratorpedeiros classe “Cassin”, de 1500 toneladas, o que permitiu mais tarde entre 1937 e 1943 a construção dos quatro Contratorpedeiros classe “M”, no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro.

Com o início da Segunda Guerra Mundial, cresceu a importância do Brasil para os EUA, especialmente devido à posição geográfica do saliente nordestino, representando um verdadeiro trampolim para a África. Por essa razão, instalaram-se em nossas costas, bases navais e aéreas navais americanas, voltadas ao apoio das forças navais aliadas no Atlântico Sul.

Com o incremento das ações submarinas contra a Marinha Mercante brasileira, nosso país declarou guerra aos países do eixo. Em consonância com este ato, foi promulgada a Lei de Empréstimos e Arrendamentos, idealizada para viabilizar a transferência de material militar dos Estados Unidos da América para o Brasil, o que nos proporcionou o recebimento de uma série de novas unidades navais. Assim, em 1942 foram transferidos os caça-submarinos da classe “Javari”- os caça-pau; os caça-submarinos da classe “Gurupi”- os caçaferro, estes últimos já dotados de radar, a moderna inovação utilizada na guerra naval, e nos anos de 1944 e 1945, os Contratorpedeiros de Escolta da classe “Bertioga”, que vieram proporcionar à Marinha do Brasil os meios adequados à guerra anti-submarino e à escolta de comboios.

Fruto do estreitamento das relações durante a II Guerra Mundial, no período da Guerra Fria, o Brasil tornou-se mais ligado política, econômica e militarmente aos EUA. Os princípios da Conferência Interamericana para a Manutenção da Paz e da Segurança no continente, realizada no Rio de Janeiro em 1947, difundiram a comunhão dos propósitos de solidariedade hemisférica, levando o Brasil a assinar o Pacto do Rio de Janeiro, conhecido também como Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (TIAR). Mais tarde, em 1948, na esteira desses acontecimentos, durante a IX Conferência Internacional Americana, em Bogotá, foi criada a Organização dos Estados Americanos (OEA), instituída com o propósito de fortalecer o sistema panamericano, dando-lhe estrutura jurídica permanente. A adesão do Brasil ao TIAR e a OEA caracterizou nossa solidariedade em torno da segurança e integração política com as demais nações do continente.

Foi exatamente quando vivíamos a atmosfera do Panamericanismo, durante a primeira Conferência Naval Interamericana, realizada no Panamá, em 1959, que por iniciativa do Contra-Almirante PAULO ANTÔNIO TELLES BARDY, Adido Naval do Brasil nos EUA naquela época, foi proposta a criação de um exercício anual que congregasse as Marinhas sul-americanas e a Marinha dos EUA, e também, um sistema de encontros regulares entre os líderes navais das américas. Essa operação foi denominada OPERAÇÃO UNITAS, do Latim “unidade”. A UNITAS I realizou-se de 28 de agosto a 08 de dezembro de 1960 e, desde então, foi conduzida regularmente a cada ano. Trata-se, até hoje, de importante exercício multinacional, que ao longo de quase meio século de existência, tem proporcionado reais benefícios às marinhas participantes, principalmente devido ao processo evolutivo levado a efeito, com o emprego de meios no estado da arte e a conseqüente evolução da tática naval.

Muitos outros foram os frutos desse relacionamento iniciado há cem anos com a criação da Adidância Naval, relacionamento que nos dias de hoje persiste forte, mercê da dedicação e perseverança de nossos Adidos, seus Adjuntos, Auxiliares e Auxiliares Locais, como prova, recentemente, a aquisição das Aeronaves AF-1 (A-4) e a formação, nos EUA, da nova geração de pilotos navais que, em tempo recorde, vieram a operar embarcados em nossos navios-aeródromos.

Assim, temos muito a comemorar com essa centenária existência, onde nossa Adidância Naval nos Estados Unidos da América tem executado um excelente trabalho. Trabalho discreto e profícuo dos militares e civis que a integraram e daqueles que hoje têm o privilégio de nela servir nos permitem festejar as exitosas conquistas alcançadas durante esses anos.

Do CT RADLER DE AQUINO ao Contra-Almirante JOSÉ GERALDO FERNANDES NUNES, destacados Oficiais ocuparam o Cargo de Adido Naval, dentre eles os Almirantes SILVIO DE NORONHA, EDMUNDO J. AMORIM DO VALLE, ANTONIO ALVES CÂMARA JUNIOR, HEITOR DOYLE MAIA, PEDRO PAULO DE ARAUJO SUZANO e SÉRGIO GITIRANA FLORÊNCIO CHAGASTELES que, alcançando o último posto da carreira, ocuparam também o mais elevado cargo da nossa Instituição, como Ministros da Marinha.

Neste momento é justo lembrar, também, toda a ajuda que a Embaixada do Brasil em Washington emprestou ao cumprimento da missão de nossos Adidos Navais. A convivência harmoniosa, profissional e respeitosa e as atenções dispensadas, nos permitiram, integrados à Representação Diplomática do Brasil nos EUA, viver essa história de sucesso.

Agradecemos ao Ministério das Relações Exteriores, na pessoa do Exm^o Sr. Embaixador ROBERTO ABDENUR, a constante e fraterna acolhida e o apoio incontestado prestado pelos Diplomatas, Oficiais de Chancelaria e Auxiliares à nossa representação.

EUCLIDES DUNCAN JANOT DE MATOS
Almirante-de-Esquadra
Chefe do Estado-Maior da Armada